**ENTRE A PROSA E A POESIA, OS ASPECTOS POÉTICOS DA NARRATIVA CONTO PARA UMA SÓ VOZ (2020) DE JOÃO ANZANELLO CARRASCOZA**

Geovana Santos Oliveira (CNPq)[[1]](#footnote-0)

Unespar/*Campus* Paranavaí, cgmf.geovana@gmail.com

Luciana Ferreira Leal

Unespar/*Campus* Paranavaí, [luciana.leal@unespar.edu.br](mailto:luciana.leal@unespar.edu.br)

Modalidade: Pesquisa

Programa Institucional: PIBIC-Af: Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica nas Ações Afirmativas

Grande Área do Conhecimento: Linguística, Letras e Artes

**INTRODUÇÃO**

A literatura é uma forma de expressão humana capaz de transmitir as mais variadas emoções vivenciadas pelo ser humano, seja de forma fictícia ou fantástica. Ela relata fatos reais ou fictícios, mas sempre se inspira na realidade. Além disso, a literatura possibilita que o autor crie e inove, devido à sua versatilidade como manifestação artística. Segundo Fidelino Figueiredo (apud MOISÉS, 1997, p. 27), a “arte literária é, verdadeiramente, a ficção, a criação de uma supra-realidade com os dados profundos, singulares e pessoais da intuição do artista”. Essa afirmação é observável em diversas obras literárias célebres ao longo dos séculos até os dias atuais.

Dentro da literatura brasileira, essa afirmação torna-se ainda mais evidente, e o cenário torna-se ainda mais diverso, graças à riqueza cultural que permite que o recurso da literatura seja explorado abordando variadas temáticas e inspirações dentro dos limites da imaginação do autor. Desde os célebres nomes da literatura clássica brasileira até os autores da literatura brasileira contemporânea, observamos uma evidente evolução na escrita e nas temáticas das obras. Essas obras sempre trazem aspectos únicos e diversos de seus temas, capazes de transportar o leitor para a história e suas questões sociais, filosóficas, psicológicas e muito mais.

Neste contexto, chegamos à obra de João Anzanello Carrascoza, um escritor brasileiro notório por sua maestria e sensibilidade poética. Essas características são perceptíveis desde a escolha das temáticas de seus livros, que abrangem tanto o público infantojuvenil quanto o adulto. Além disso, a forma como ele escreve revela nuances e sentimentos das personagens, bem como aspectos pessoais do próprio autor. Carrascoza aborda temas aparentemente “simples”, que poderiam ser considerados banais em uma análise cotidiana, mas sua seleção cuidadosa de palavras confere características únicas e essenciais à narrativa.

João Anzanello Carrascoza é um escritor brasileiro e professor na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP) e no programa stricto-sensu da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM). Ele é considerado uma das grandes revelações da ficção brasileira e um dos maiores contistas contemporâneos. Nascido em 8 de maio de 1962 em Cravinhos, São Paulo, Carrascoza já recebeu prêmios nacionais e internacionais e suas obras já foram traduzidas para muitos idiomas.

Em seu livro “Conto para uma só voz” (2020), publicado pela Editora Nós, encontramos uma narrativa em forma de prosa com características poéticas. Essas particularidades tornam a escrita do autor única e atual. O livro mergulha nas camadas do luto de um pai que recentemente perdeu o filho ainda criança. A escrita singular coloca o leitor como um observador empático do sofrimento desse personagem, que tenta encontrar motivos para continuar mesmo quando as atividades simples e indispensáveis para a sobrevivência lhe parecem vãs, dada a intensidade de sua dor.

As características poéticas na prosa em verso, assim como as demais que compõem o formato da obra, são indispensáveis para que o leitor possa sentir e se compadecer da dor do personagem. Isso permite acompanhar sua jornada pelo luto e os sentimentos que o envolvem. Portanto, este estudo analisa a coexistência entre a prosa e a poesia na obra ‘Conto para uma só voz’, explorando como a narrativa se desenvolve e as características poéticas presentes.

**MATERIAIS E MÉTODOS**

Para o estudo proposto, utilizaremos como base teórica as obras de Massaud Moisés (1997 e 1998) e Octavio Paz (2012), que oferecem contribuições essenciais para a análise. Moisés discute em sua obra a relação entre prosa e poesia, trazendo informações históricas e teóricas sobre os gêneros literários. Por sua vez, Paz aborda a natureza da linguagem poética e sua contextualização teórica, entendimentos necessários para compreendermos melhor a natureza da obra de João Anzanello Carrascoza. Além disso, fazemos menção a Fidelino de Figueiredo (1941), citado por Moisés (1997) em sua obra, e também estudamos Forster (2005) e Genette (1995) para complementar a análise. Forster explora aspectos e características do gênero Romance, utilizando exemplos de obras clássicas para ilustrar seu objeto de estudo. Já Genette concentra-se na narrativa, abordando as diversas funções e características presentes em um texto.

**RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Buscando analisar a obra de forma ampla, a primeira observação a ser considerada refere-se ao formato da narrativa e às características híbridas de gênero. A partir do título *Conto para uma só voz* (2020), temos uma referência direta ao gênero conto. No entanto, a narrativa não se enquadra completamente nesse gênero, pois carrega algumas características que também pertencem ao poema. Essa complexidade decorre da sua forma híbrida.

Segundo Massaud Moisés (1998, p. 40), o conto “caracteriza-se por conter unidade de ação, entendida como a sequência de atos praticados pelos protagonistas ou de acontecimentos dos quais participam”. Portanto, o conto é considerado unívoco e univalente no ponto de vista dramático, relacionado à ação, conforme a etimologia. Assim como o conto, a obra em análise também se constitui a partir de uma unidade ou célula dramática, girando em torno de um único conflito ou drama.

No início da história, somos introduzidos a uma narrativa triste que, aos poucos, revela seu enredo ao relatar a perda de um pai que nem sequer é nomeado. Embora não saibamos quem ele é, conhecemos sua dor. Apenas ao final da primeira parte, as suspeitas do leitor são confirmadas: a tristeza do pai decorre da morte do filho pequeno:

E por um só motivo:

ontem ele enterrou seu filho.

Era o único,

menino,

tinham tantos dias a viver,

não grandiosos,

dias comuns mesmo,

[...] (CARRASCOZA, 2020, p.17)

A dor do pai é o elemento principal. A separação abrupta e extremamente recente do filho lhe fere o âmago. Conforme avançamos nos capítulos, outras particularidades da experiência da personagem em luto são abordadas pelo autor: as diferenças entre a dor do pai e da mãe diante da perda, a forma como ambos lidam com o luto e a construção dos laços maternos e paternos. Sentimos a dor das memórias do menino ainda vivas na mente e a falta que ele faz na casa. O quarto, antes alegre, agora está vazio, seus pertences sem dono. Mais memórias são recordadas com pesar e saudade, e o lamento por não poder ver o filho crescer é profundo. A depressão assola e impede o pai de continuar.

Segundo Leal (2022, p. 306),

Apenas quem perdeu alguém próximo sabe a dor que é lidar com essa ausência. Vários sentimentos envolvidos, o caos instaurado e a necessidade de reconstruir o mundo sem a pessoa amada. Sem o filho, o vazio desse pai é imenso. [...] A literatura faz viver. E uma história triste como essa do livro impacta e ensina. Aprende-se com a literatura, porque se aprende o que não viveu. E esse é o grande poder da literatura e seu aspecto mais interessante: aprender a sentir sem ter vivido. Apender que o mundo segue igual, mesmo quando se perde o seu maior amor e que é no silêncio, e não no grito, que se vive a morte.

Na primeira parte, antes da confirmação do que leva o protagonista ao seu estado de luto, o leitor suspeita das causas que levaram o personagem a esse sofrimento. As lamúrias descritas e as indagações por justiça feitas pelo narrador indicam a profundidade da perda, permeada pela sensibilidade poética do autor. A história gira em torno desse acontecimento, das reações do pai um dia após a morte e enterro do filho, sendo o fato da narrativa se concentrar em um único evento uma característica do gênero conto, conforme Massaud Moisés.

A existência de uma única ação, ou conflito, ou ainda de uma única “história" ou “enredo", está intimamente relacionada com a concentração de refeitos e de pormenores: o conto aborrece as digressões, as divagações, os excessos. [...]. Para tanto, os ingredientes narrativos galvanizam-se numa única direção, ou seja, em torno de um único drama, ou ação. (MOISÉS, p. 41)

É possível observar que a história apresenta características relacionadas ao conto, como tempo, espaço, enredo e personagem, embora essas características sejam modificadas e tornem a narrativa híbrida. Embora o ano, mês ou dia em que a história se passa não sejam mencionados ou relevantes, sabemos que a narrativa ocorre ao longo de um dia após o enterro do menino e que se passa em um tempo não muito distante da atualidade. O espaço onde os acontecimentos ocorrem é limitado à casa da família, sendo o local mais relevante para as memórias do pai, que nos levam a outras poucas localidades que despertam lembranças de momentos com o filho. O enredo aborda o luto do pai e seus conflitos com sentimentos e dores, com uma evolução esperada, dada a recente situação. As personagens são poucas: apenas o pai, a mãe e o filho, este último evocado apenas na memória do pai, pelo narrador.

Além disso, a obra de Carrascoza apresenta características de outros gêneros literários. A narrativa em prosa é evidente, assim como o formato em verso, característico da poesia, desempenha um papel fundamental na criação do aspecto poético da obra, como veremos posteriormente.

A narração da história apresenta considerações interessantes. O narrador é em terceira pessoa e onisciente. Em toda a obra, não existem quaisquer evidências que neguem essa posição; o narrador conhece todos os pensamentos e aspectos da vida privada e psicológica, inclusive as camadas da inconsciência. Ele descreve a dor e a tristeza do pai sob uma perspectiva poética em que mistura prosa e poesia. Conforme Genette (1995, p. 24) afirma, a narrativa indica um acontecimento, “não aquele que se conta, mas aquele que consiste em que alguém conte alguma coisa: o ato de narrar tomado em si mesmo”. O narrador é aquele que media e conta os acontecimentos, enquadrando-se nos critérios descritos por Genette, incluindo o elemento temporal, um dos principais na narrativa.

Retomando as características narrativas, reconhecemos o tempo como recurso essencial para o funcionamento da história. Embora questões como o ano em que os acontecimentos da morte do menino ocorrem não estejam explicitamente presentes na obra, temos conhecimento de que os eventos pertencem à contemporaneidade. Isso se torna perceptível em diversos trechos, como na citação a seguir, onde, ao tratar da ambiguidade da memória, afirma-se: “[…] e a memória não se regula como uma TV, nem se troca por um modelo mais novo, […]”. Nesse excerto, a referência ao aparelho eletrônico e à atividade consumista de trocar produtos por modelos mais recentes sugere que o momento vivido pelo protagonista se passa no presente.

Com essa temporalidade “não exata”, é possível compreender que o texto narrativo, assim como qualquer outro, não possui outra temporalidade além daquela que se empresta à sua própria leitura. No entanto, esse não é o ponto central da história. Essa circunstância permanece ambígua em sua definição, sujeita a suposições. A única certeza é que o ocorrido se passa após o ano de 2001. Isso se baseia em um excerto em que o pai, em sua memória, recorda um momento em família em que assistiram a uma reprise de um acontecimento histórico. Esse momento ocorre antes do evento que dá origem à história:

[...]

em frente à TV,

era onze de setembro,

o ano não é preciso dizer,

e foi um assombro

ver o replay

do primeiro avião se estraçalhar no World Trade Center,

[...] (CARRASCOZA, p.51)

Quando tratamos de gêneros, percebemos que eles desempenham uma dupla função: servem como estruturas para a expressão da imaginação literária e também como instrumentos para captar a realidade. Massaud Moisés (1997, p. 64) afirma que “os gêneros são instrumentos de que os escritores dispõem para enxergar a realidade do mundo, entendida como a soma da Natureza […], do ser humano e dos conceitos […].” Essas considerações são relevantes ao abordarmos a característica principal da obra: a prosa poética. Esse gênero é considerado híbrido, pois apresenta características de ambos os gêneros.

É importante compreender que os gêneros literários não são estáticos; eles evoluem desde sua origem. Portanto, não existem gêneros considerados “puros”. Cada gênero pode incluir características de outros gêneros ou de suas espécies. Sobre esse aspecto, Moisés (1997, p. 71-72) argumenta que “o fato de uma obra se encaixar em um compartimento não exclui sua participação nos demais; no entanto, pressupõe a existência de alguns fatores básicos, sem os quais toda a nomenclatura literária se torna verdadeiramente anódina”.

Sendo a prosa um gênero tardio, a poesia, ao contrário, encontra-se em todas as épocas como uma forma natural de expressão humana. Segundo Octavio Paz (2012, p. 12), “não há povos sem poesia, mas existem aqueles que não têm prosa”. Enquanto o poema se apresenta como uma ordem fechada, a prosa se mostra de forma aberta e linear.

A disposição da prosa na história não é tradicional; ocorre de modo descontínuo, formando versos. Isso auxilia em nossa compreensão acerca do lirismo, que também não possui todas as suas características presentes. Ao narrador, não interessa trazer as circunstâncias da morte do filho ou a sucessão dos acontecimentos do dia do protagonista. Seu único interesse é narrar suas emoções e expressar a dor da perda, tão lastimável e indescritível vivida pelo pai. É graças ao lirismo, à subjetividade e às metáforas provenientes desse recurso que é possível descrever tamanho sofrimento, quase impossível de ser expresso em palavras. O narrador é quem traz o lirismo à narrativa, sensibilizando-a e aprofundando as vivências da personagem com o luto.

Podemos afirmar que a literatura é um tipo de conhecimento manifestado por meio de palavras que possuem sentido metafórico. Essas palavras representam deformações da realidade. Isso não significa que a realidade concreta não possa servir de material para a poesia, mas ela se delimita ao universo poético, obedecendo às leis da poesia, da ótica e do sujeito. Da mesma maneira que para o escritor, os gêneros são formas de o leitor indiretamente captar a realidade. Por isso, o escritor preocupa-se em escolher um gênero, espécie e forma que se adequem à emoção, aos sentimentos e conceitos que procura transmitir, pois cada categoria possui objetivos diferentes.

Os limites entre um gênero e outro na obra são totalmente fluidos. No entanto, esse fenômeno ocorre de forma tão coesa que um acaba por intensificar o outro, tornando-os mais evidentes. Consideremos, no entanto, outra conceituação de poesia, conforme Massaud Moisés (1997, p. 94): “é a expressão metafórica do ‘eu’, cujo resultado, o poema, pode ser em verso ou em ‘prosa”’. O sentido metafórico está presente em toda a narrativa, intimamente ligado ao lirismo, que acentua a forma como a história é contada. Essa estrutura reflete a sua própria natureza, e os versos, mesmo em prosa, remetem à poesia, ainda que não se trate de uma “verdadeira poesia”.

A narração desempenha um papel fundamental nessa fluidez. É por meio dela que o narrador dosa os aspectos do gênero, dando relevância aos elementos mais importantes para enfatizar aquilo que a história se propõe a transmitir. Em relação às características da prosa, Massud Moisés (1997, p. 95-96) faz uma contribuição relevante: “A linguagem da prosa narra, descreve, ou seja, fixa os aspectos visíveis e históricos da realidade, enfatizando a denotação. Isolada, a metáfora prosística é denotativa e só adquire conotação quando, no fim do texto, entra em confronto com as demais metáforas.”

Parece-nos que a função do prosador é juntar de forma harmoniosa informações oferecidas pela realidade (a morte, o luto, o vazio, a dor). No entanto, a imaginação auxilia na coleta dessas informações e, ao complementá-las, substitui o que falta por outras semelhantes. O lirismo desempenha um papel importante aqui, pois, além de oferecer essa complementação (que, em relação à sintaxe, acaba por distanciar o prosador do poeta), traz uma descrição mais sentimental da vivência experimentada pelo personagem principal em linguagem poética, mesmo não possuindo a estrutura clássica do gênero."

“Há um fluxo e refluxo de imagens, acentos e pausas, sinal inequívoco da poesia” (PAZ, 2012, p. 15). Essa afirmação também pode ser aplicada ao verso livre contemporâneo, no qual os elementos quantitativos do metro cedem lugar à unidade rítmica. Em certas circunstâncias, o destaque se transfere dos elementos sonoros para os visuais, enquanto o ritmo permanece, tornando o verso livre uma unidade rítmica. “O mesmo ocorre com o verso livre contemporâneo: cada verso é uma imagem e não é necessário suspender a respiração para dizê-los” (PAZ, 2012, p. 15). Isso torna as pontuações desnecessárias em diversas circunstâncias, mas aqui elas auxiliam nas características prosaicas da narrativa.

O lírico está presente em toda a descrição no texto, seja ela de algo material (que necessariamente remete a alguma lembrança do filho), como ao descrever as coisas feitas pelo filho sobre o criado-mudo:

[...]

bilhetes, cartas, desenhos,

presentes grotescos,

à base de cola e papelão,

tinta, barbante,

e todos,

todos,

feitos por ele para o pai,

ninharias

que, agora, fulguram,

como um sol preso na gaveta. (CARRASCOZA, 2020, p.45)

A descrição do narrador está impregnada de lirismo, relacionando objetos banais com os sentimentos do pai. Esses objetos possuem um valor sentimental, ligado ao afeto pelo filho e à sua perda. O lírico está intimamente entrelaçado com as emoções do pai enlutado, sendo a principal forma de expressá-las e descrevê-las. Um exemplo disso é quando o pai se questiona sobre tudo o que a morte roubou de seu filho e de seus próprios pais, que tinham esperanças nas conquistas futuras abruptamente interrompidas pela morte repentina.

E o volume de sonhos

emersos de cada um,

noite a noite?

E os desejos, as aspirações, os planos,

nossos e de outros,

que, o tempo inteiro,

criam e modificam

o universo

de possibilidades? (CARRASCOZA, 2020, p.56)

Por meio de suas indagações, o autor demonstra sua inconformidade com a separação causada pela morte, refletindo sobre todas as possibilidades, sonhos e planos retirados do menino e dos pais. O lirismo atua nas descrições, buscando sensibilizar o leitor. Não é necessário ter passado pela mesma experiência que o pai para se compadecer de sua dor, inconformidade, pranto e luto. A prosa poética favorece essa questão, tornando o leitor empático e compassivo em relação à angústia do pai.

A descrição concentra-se principalmente nas lembranças do pai. Tudo em sua mente remete ao filho, e tudo na casa o lembra dele. Seus conflitos com a morte são observáveis em toda a obra, especialmente quando ele se recorda dos momentos mais memoráveis que passou com o filho. Esses momentos são extremamente recentes, o que torna a situação ainda mais triste. Inevitavelmente, ele lamenta a vida tão pouco vivida do filho, ceifada tão cedo.

E. M. Forster possui uma perspectiva sobre a temática da morte na literatura que se encaixa de forma complementar à nossa visão sobre o acontecimento central que move a história. Ele afirma: “Todos nascemos, mas não conseguimos nos lembrar de como foi. E a morte sobrevém, como veio o nascimento, mas tampouco sabemos de que modo. Nossa última experiência, como a primeira, é conjectural. Movemo-nos entre duas obscuridades” (FORSTER, 2005, p. 50). Isso evidencia que iniciamos a vida com uma experiência da qual não nos lembramos e terminamos com uma que desconhecemos, tornando a escrita dessas circunstâncias exterior à nossa própria experiência. O que conhecemos é o luto, a saudade e a dor de quem fica.

O lamento também é um elemento importante, associado à sensação de impotência diante da situação. Podemos encontrar o lirismo na emoção expressa. Tudo é extremamente intenso, e muitas coisas se passam no curto espaço temporal em que a narrativa acontece. Isso não é para menos, considerando a vivência do personagem. Muitos pensamentos correm pela mente do pai sobre o que poderia e não deveria ter feito. Isso fica evidente em diversos momentos, embora ele saiba que nada poderia ter sido feito, como mencionado abaixo:

[...]

e não adianta ele,

ou a mulher,

pensar,

*Eu podia ter evitado,*

o destino

de cada um

só a ele cabe,

[...] (CARRASCOZA, 2020, p.82)

A ênfase mostra que o pai já teve o pensamento de que, em outra circunstância, a morte do filho poderia ter sido evitada. Isso não se limita apenas ao trecho mencionado, mas ocorre em outros momentos. Tanto o pai quanto a mãe sabem que nada poderia ser feito; o pai reconhece sua mortalidade e impotência como ser humano diante da vida e da morte. A morte de um filho é ainda pior, pois fere o que o narrador chama de “ordem natural”, na qual o pai deveria partir antes, e não o filho, que ainda nem usufruiu da vida: “[…] a morte de um filho é o nascer para dentro de uma vida acabada […]” (CARRASCOZA, 2020, p. 97).

O pai traça essa jornada ao longo de seu dia, em uma batalha interna entre lembrar e esquecer. Tudo lhe causa dor, inclusive atravessar a casa em direção à cozinha, o que ele evita para não se deparar com o quarto do filho pequeno. A esposa lhe oferece suporte; embora ela aparente suportar a dor de forma melhor, ele sabe que ela também está sofrendo. Embora não tenhamos consciência de seus sentimentos, sabemos sobre sua dor, mas não a conhecemos, pois cada dor é particular ao indivíduo. O protagonista percebe isso em sua esposa e imagina o quão pior deve ser para ela, que gerou o filho. É pelo filho e por ela que ele busca continuar.

[...]

mira a sua mulher

parada no corredor,

e ele sabe,

a dor dela é outra,

embora o filho perdido

seja o mesmo,

[...] (CARRASCOZA, 2020 p.98)

A narrativa da história termina com o pai minimamente consolado após o processo de conformação com o ocorrido e a consciência de que nunca mais veria seu filho. Ele sabe que a falta e a saudade dele irão aumentar com o passar do tempo, mas existe a tentativa da crença de que ele e a esposa ficarão bem. A história então se encerra com a disposição do protagonista em dar o primeiro passo para passar pelo luto, sendo um processo doloroso, mas indispensável para que ele siga em frente.

É preciso continuar,

parar por aqui

seria dar ao menino

uma segunda morte. (CARRASCOZA, 2020, p.76)

Podemos perceber o lirismo presente em toda a obra, na delicadeza das palavras de Carrascoza. Mesmo que elas não obedeçam aos gêneros clássicos e formem um hibridismo de gênero totalmente próprio, a escolha do gênero jamais deve ser absoluta e tem a obrigação de refutar soluções imutáveis. Como afirma Massaud Moisés (1997, p. 72): “Um elo de necessidade articula o gênero à realidade nele captada, e quando o nexo se rompe, a obra malogra em seu duplo intento de criar um universo próprio que desvela o mundo físico.”

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Rumo à finalização desta análise, podemos concluir que o hibridismo é uma forma literária que permite ao autor se expressar da maneira que lhe for conveniente para abordar sua obra, sem precisar seguir rigidamente os padrões clássicos de um gênero específico.

A habilidade de Carrascoza ao descrever temas tão sensíveis, como a morte em *Conto para uma só voz*, é notável. O lirismo desempenha um papel fundamental nessa questão, permitindo que o leitor se empatize e se compadeça com a trama, quase se inserindo na narrativa e compartilhando os sentimentos do protagonista. A imersão proporcionada por obras desse tipo é essencial para formar um leitor crítico e sensível à realidade. Assim, podemos concluir que, de maneira não convencional, o lirismo está presente em toda a obra e é um elemento indispensável para aprofundar a narrativa como prosa.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

CARRASCOZA, João Anzanello. **Conto para uma só voz**. São Paulo: Editora Nós, 2020.

FORSTER, Edward Morgan. **Aspectos do romance**. 4ª. ed. São Paulo: Editora Globo, 2005.

GENETTE, Gérard. **Discurso da narrativa**. 3ª. ed. Lisboa: Editora Vega, 1989.

LEAL, Luciana Ferreira. **Uma narrativa em verso**: *Conto para uma só voz* (2020) de João Anzanello Carrascoza. *Afluente: Revista de Letras e Linguística*, p. 301–310, 28 Fev 2022 Disponível em: https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/afluente/article/view/16718. Acesso em: 20 ago 2024.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária: poesia**. 13ª. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1997.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária: prosa**. 16ª. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1998.

PAZ, Octavio. **Signos em rotação**. 3ª. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1996.

1. O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, por meio de bolsa concedida à estudante Geovana Santos Oliveira. [↑](#footnote-ref-0)